

da autora de
Pra quando você acordar

Bettina Bopp



afetos colaterais

*a busca pela poesia
na despedida de minha mãe*

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Bettina Bopp



Planeta

**afetos
colaterais**

*a busca pela poesia
na despedida de minha mãe*



Planeta

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Bettina Bopp, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Laura Vecchioli
Revisão: Bárbara Parente e Valquíria Matioli
Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial
Ilustrações de miolo: Bettina Bopp
Ilustrações de capa: Brisa Noronha
Capa: Cristina Gu

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bopp, Bettina
Afetos colaterais: a busca pela poesia na despedida de minha mãe /
Bettina Bopp. – 1. ed. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
208 p.

ISBN 978-85-422-2207-4

1. Literatura brasileira I. Título

23-1845

CDD B869

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

Editora Planeta 
Brasil

20
ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Bembo
Book MT Pro e impresso pela
Gráfica Santa Marta para a Editora
Planeta do Brasil em maio de 2023.

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

— A banana está com os
olhos cheios de lágrimas.

— O cajá-manga tem
amenidades.

— As macaúbas ficaram
muito sérias.



Uma doença neurodegenerativa encontrou minha mãe no meio do caminho. E ela sorriu docemente.

Teve medo? Sim, o desconhecido sempre assusta – assim como as baratas e as tempestades.

Os muitos medicamentos provocavam efeitos colaterais.

A vida seria assim, então, só ausências, delírios e alucinações?

Para quem tinha tanta beleza, por dentro e por fora, era pouco demais.

Minha mãe não fez do limão uma limonada – seria óbvio para alguém como ela. Minha mãe plantou um pomar particular.

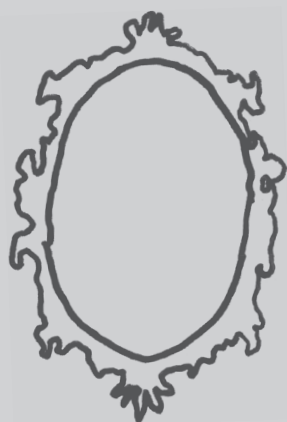
Li que, quando um limoeiro não quer dar frutos, você precisa colocar pesos em seus galhos e machucar seu tronco. O machucado que cortou profundamente minha mãe foi quando o Ita, meu irmão mais velho, entrou em coma e ficou em estado vegetativo por quinze longos anos. Nossa família é pequena, mas tentamos cercá-la de um amor imenso. Fabio

é meu irmão mais novo. Ele é casado com a Dani e juntos têm três filhos: Isabella, Fabinho e Derek. Bruna é minha filha mais velha, Lucca e Maria são meus filhos gêmeos. O José de Abreu é o único irmão da minha mãe e pai de cinco sobrinhos muito amados por ela. Ainda assim, e apesar do peso, das dores, das cicatrizes, minha mãe frutificou. Acho que minha mãe ficou meio Manoel de Barros. A forma que ela passou a verbalizar a vida me lembrava o meu poeta favorito.

Eu tentava entender, interpretar e refletir sobre o que ela só dizia nas entrelinhas.

Com frases e situações simples, leves e até divertidas, minha mãe abriu as janelas do luto e semeou poesia no meu dia a dia.

Anotei durante anos as nossas conversas, seus pensamentos e os caminhos às vezes tortuosos de suas sinapses. Desses escritos nasceu o *Afetos colaterais*.



Planeta

— Bê, você viu o que a
dona Denise fez?

Não, eu não sabia o que a dona
Denise havia feito, tampouco
quem era a dona Denise.

— Ela está copiando minha casa. Olha a foto de vocês! E eu olhava as nossas fotos, minha e dos meus irmãos, exatamente iguais, penduradas na parede da sala, do mesmo jeito, há mais de quarenta anos.

— Viu? Você tá de ponta-cabeça, o Ita vestido de vereador e o Fabio vestido de macaco. A dona Denise não me engana. Vamos embora, aqui não é minha casa.

Quando começou a acontecer, era muito aflitivo. Personagens entravam na nossa história sem serem convidados.

Você quer puxar a pessoa da escuridão percorrida pelos pensamentos desconexos e não consegue.

A impotência te assusta, te irrita, te confunde, te angustia. É um misto de raiva e carinho.

Por um momento, além de não saber quem é a dona Denise, você fica sem saber quem é a sua mãe.

Depois de muitas tentativas e erros, percebi que a maior dor da minha mãe era também a que conseguia trazê-la de volta à realidade. Era o meu irmão Ita, em coma, quem jogava a âncora para ela.

Então, muitas das nossas conversas ao telefone, no pôr do sol, começavam assim:

— Vem me buscar, estou na Rodovia Raposo Tavares e não sei como voltar.

— Mãe, o Ita está na Raposo Tavares?

— Não, tá no quarto.

— Entra no quarto dele. — A cuidadora a levava até lá. — Viu? Se o Ita tá aí, você também está em casa, e aí não é a Raposo Tavares.

Em muitos dias o fim de tarde era um desafio para minha mãe. Era o horário em que ela chorava ou ficava mais ansiosa e perdida.

— Tenho medo do horário da Ave-Maria — ela dizia.

Descobri que muitas pessoas com Alzheimer — que não era o caso da minha mãe — ou com outras alterações cerebrais apresentam uma condição chamada de “síndrome do pôr do sol”.

Ela é associada a sintomas depressivos e de déficit cognitivo, provavelmente afetados pelo relógio biológico dos pacientes ao anoitecer.

Uma das formas de ajudar é “distrair a pessoa, fechar as cortinas para diminuir as sombras, mas lembrar de acender as luzes”.

Decidi que, se minha mãe precisava diminuir as próprias sombras e enfrentar a escuridão, ela não es-

taria sozinha. Eu mergulharia com ela e acenderia as velas do caminho.



— Meu umbigo não sai?

— Onde tá meu pinto?

— Eu não tenho mais pelo?



— Acho que minha
boca diminuiu.

Minha mãe estava se conectando com um corpo que não conhecia, enquanto eu ia me habituando com uma mãe que eu não reconhecia.

Tá certo que a evolução da doença, depois de um período em que antes só havia pesadelo, nos trouxe outros sonhos e horizontes. Mas é impossível dizer que era bom.

Segurar a mão dela, por exemplo, era muito, muito diferente. O Parkinson tem muitos sintomas. Um deles é o movimento involuntário. Então, ao dar as mãos para a minha mãe, não havia repouso, quietude, sossego. Era como se ela quisesse se desvencilhar de mim o tempo todo.

Não havia mais silêncio. Ela sempre vocalizava baixinho algum murmúrio, algum lamento incompreensível.

Minha mãe não tinha tremores, mas sim flutuações motoras. Às vezes ficava difícil conseguir sair do lugar, tirar o cabelo do rosto, alimentar-se sozinha.

Momentos *on* e momentos *off*. Minha mãe desligando e ligando como um brinquedo.

Sem dificuldade para subir escadas. Com dificuldade para passar pelos vãos das portas. Que sentido havia nisso?

Ela não conseguia mais dirigir, mais cozinhar, até não conseguir mais andar.

O Mal de Parkinson. O Mau do Parkinson.

E se acumulavam reações adversas, efeitos colaterais, doenças secundárias. Distúrbios do sono, ansiedade, pânico, depressão.

Uma vez uma amiga, cuja mãe sofria de Alzheimer, me disse que a doença era difícil pra quem cercava o parente, por ele não mais se lembrar dos filhos, netos, amigos. Mas a mãe dela mesmo parecia feliz. Estava sempre em uma festa.

Minha mãe nunca se esqueceu de nenhum de nós. A perda de memória é diferente no Parkinson. Em contrapartida, ela percebia todas as suas mudanças e limitações.

As alucinações e os delírios trouxeram de volta o que havia ficado no caminho. Dia a dia, minha mãe se esquecia da instabilidade da doença e do fato de ela ser incurável.

A realidade difícil ficou mais leve. As limitações físicas impostas se diluíam na fantasia. Minha mãe podia tudo outra vez.

Em muitos dias eu agradeci a demência. Que loucura.